

CERÂMICA COMUM EM TONGOBRIGA

por

Lino Dias*

Resumo: Parte-se de um horizonte de cerca de 3.000 fragmentos cerâmicos estratigrafados em *Tongobriga*.

Algumas análises permitem reconhecer os constituintes das pastas consideradas como “modelos” nas diferentes técnicas de fabrico dessas cerâmicas.

Cumulativamente é feito o inventário dos materiais depositados em museus regionais e nacionais e que pertenciam a sítios arqueológicos romanos da região de Entre-Douro-e-Minho.

Com base nestas diversas vertentes reflecte-se sobre as noções de comércio regional e local e possíveis eixos comerciais existentes entre o séc. I e séc. IV d.C.

Palavras-chave: *Gallaecia*. *Tongobriga*. Cerâmica.

O estudo da economia regional do território de *Tongobriga*¹ obrigou-nos naturalmente a analisar os produtos de consumo e os objectos e utensílios de uso diário. Se muitos desses produtos e utensílios eram provenientes de “fábricas” bem conhecidas e resultado de “importações”, outros utensílios e produtos eram provenientes e fabricados na região. Destes, seleccionamos a cerâmica.

Porque este trabalho tem por base as estratigrafias de *Tongobriga*, e apesar de estarem ainda indefenidos os limites do território desta *civitate*, decidimos debruçarmo-nos sobre o espaço, algo difuso, com um raio de cerca de 20 milhas, distância que podia ser feita num dia por carro nas estradas que conhecemos da região.

Incluimos também os elementos provenientes de escavações de sítios que, embora situados fora deste limite, a ele estão ligados por estrada ou troço de rio facilmente navegável. Observamos ainda espólio proveniente de recolhas ocasionais, actualmente depositado em museus.

* Arqueólogo do IPPAR.

¹ Cidade romana em estudo. Este sítio arqueológico afecto ao Estado, através do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, situa-se na Freguesia de Freixo, Concelho de Marco de Canaveses, Distrito do Porto.

da base do colo ao apoio do vaso.

No caso em que não há colo é a zona entre o lábio e a base.

Base — zona de apoio ou sustentação do vaso, com ou sem pé.

Asa — parte saliente, em geral curva e fechada, propositadamente feito para se pegar.

Quando conveniente, para efeitos de descrição mais pormenorizada, nas variantes com perfil esférico, elipsoidal e ovóide com aperto inferior, dividimos o corpo em duas zonas. Denominamos *ombro* o terço superior do corpo, e de *bojo* os 2/3 inferiores.

Indicamos a espessura da parede do corpo porque é demonstrativo do maior ou menor requinte e cuidado posto pelo oleiro no fabrico da peça para além de ser um indicador da qualidade dos barros. A medida é feita com craveira no ponto mediano do corpo, entre a base e o colo ou o lábio quando aquele não exista.

Na descrição fazemos, por vezes, referência a *Fundo*, considerando este como a face interna da zona de apoio ou sustentação do vaso.

Sempre que possível apontamos a altura da peça e o diâmetro da boca. Para esta medição consideramos, respectivamente, a linha vertical ao centro da peça e a distância na horizontal entre os dois pontos mais exteriores do bordo. Terminamos a descrição de cada peça indicando, sempre que possível, a sua capacidade em decilitro.

Para a descrição baseamo-nos num esquema gráfico (Est. I).

Variantes de Bordos:

1. bordo de extremo arredondado
2. bordo de extremo circular
3. bordo de extremo plano
4. bordo de extremo oblíquo
5. bordo de extremo ponteagudo
6. bordo de extremo côncavo
7. bordo de extremo convexo
8. bordo de extremo moldurado

Variantes de Lábio:

1. Lábio voltado para o exterior
2. Lábio voltado para o exterior com engrossamento interno
3. Lábio pendente voltado para o exterior
4. Lábio pendente voltado para o exterior, com engrossamento interno
5. Lábio voltado para o interior
6. Lábio inclinado para o exterior com perfil externo côncavo

3. Asa de fita assimétrica
4. Asa de rolo
5. Asa de duplo rolo

Motivos decorativos:

1. Linha recta horizontal
2. Linha recta vertical
3. Linha recta oblíqua
4. Linhas rectas horizontais paralelas
5. Linhas rectas verticais paralelas
6. Linha quebrada em zig-zag
7. Linha ondulada
8. Reticulado oblíquo
9. Reticulado horizontal-vertical
10. Com carretilha
11. Cordão anelar
12. Canelura
13. Circulos

As caneluras e os cordões anelares são usados para separar o colo do corpo ou para neste separar o ombro do bojo.

Num estudo deste tipo a perspectiva funcional da peça tem um interesse secundário. Apesar disso, e porque facilita a identificação, não queremos deixar de apresentar a relação entre o nome por que é conhecida e a sua função.

1 — Pote - Recipiente “fechado”, com ou sem colo, utilizado normalmente para armazenar alimentos, tais como sal, azeitonas, mel, frutas, embora pudesse também servir para cozinhar.

São vulgares os potes sem asa, embora identifiquemos também alguns exemplares com uma ou duas asas. Têm normalmente uma base com diâmetro superior a 40mm.

Identificámo-los com as formas 1, 2, 3 de *Bracara Augusta* (MARTINS e DELGADO 1989-90 169).

2 — Potinho - Pode considerar-se uma variante do pote e assim designado por ser de dimensão mais reduzidas. Serviam certamente para líquidos, provavelmente para ir à mesa. Quando com asa, esta é pequena e permite pegar na peça com três dedos. Têm normalmente uma base com diâmetro inferior a 40mm.

Identificámo-los com as formas 1 e 2 de *Bracara Augusta.*, bem assim como as duas formas ali referidas como púcaros.

3 — Jarro - (*lagoena*) Geralmente com corpo semelhante ao dos potes, distinguem-se daqueles por terem o colo mais alto e bem vincado e terem sempre

e no facto das recolhas terem sido feitas em distintas estratigrafias de diferentes zonas (termas e forum, zonas habitacionais e necrópole).

Grupo 1 – Pasta granulosa, grosseira, constituída por materiais pouco calibrados, cerne predominantemente cinzento- N92 ou P92. Superfícies somente alisadas geralmente cinzento róseo-N70 ou cinzento-N71, sem qualquer engobe. Predominância de potes, vulgarmente com sinais de terem ido ao fogo, o que faz pensar que podem ter servido também como panelas eventualmente com testo.

Cronologia – cerâmicas deste grupo aparecem enterradas em *Tongobriga* com cerâmicas coevas de Vespasiano, pelo que eram usadas durante o séc. I d.C. até aos Flávios. No entanto é um tipo de material que identificamos em uso durante a primeira metade do séc. II.

Grupo 1A – Aspecto macroscópico da pasta e acabamento idêntico ao grupo 1 embora a pasta apresente cor castanha muito pálida-M71 e face exterior cinzento róseo-N70. As peças deste grupo apresentam um aspecto mais gresoso e endurecido pela cozedura que as do grupo 1.

Predominância de pratos e jarros.

Cronologia – séc. IV.

Grupo 2 – Pasta rosea-M49. Acabamento com alisamento, na face exterior geralmente feito na vertical sobre o qual era deitado um engobe vermelho claro-N39. Identificamos taças, potes e pratos.

Cronologia – séc. Id.C. até Flávios.

Grupo 3 – Pastas constituídas por materiais pouco calibrados, pouco cuidadas, cerne cinzento claro-M92. Faces com acabamento por alisamento feito com trapo húmido que o oleiro fá mergulhando em água, proporcionando colorações castanho escuro-R69 e castanho claro-N69. Eram fabricadas peças de médias dimensões, tais como alguidares, potes e jarros.

Cronologia – séc. I, até aos Flávios. Algumas ocorrências no séc. II.

Grupo 3A – Pasta de cor castanha muito pálida-M71 e rosea M-70, com bastante cerâmica moída. Com esta pasta eram feitas peças grandes com paredes espessas e pratos. Aquando do alisamento era deitada uma aguada que penetrava na pasta, dando à superfície uma coloração castanha muito pálida-M71.

Cronologia – coevo de material de 325-400 d.C.

Grupo 4 – Pasta constituída por materiais pouco calibrados, aspecto gresosa, geralmente com cerne e superfícies de cor igual, vermelho claro-M39 ou M49. nas peças mais espessas o cerne é por vezes cinzento-M30 ou cinzento róseo-M31 Faces com acabamento por alisamento.

Cronologia – séc. I e séc. II.

Obs: Algumas peças, especialmente as de paredes mais espessas, apresentam o cerne cinzento -N92 ou P92, podendo assemelhar-se ao grupo 2. No entanto as peças do grupo 4 não receberam aguada aquando do alisamento.

Grupo 7A – As peças com esta pasta têm paredes “finas”. No entanto e devido a esta pouca espessura, algumas partículas de maiores dimensões na pasta provocavam irregularidade nas faces interior e exterior. Boa cozedura, cerne cinzento-M31, face exterior rosea-M49, interior com vincos horizontais especialmente junto ao fundo.

Cronologia – Séc. IV.

Grupo 8 – Pasta pouco calibrada e constituída por materiais graníticos grosseiros, cerne cinzento-P92 e paredes alisadas cinzentas-R73. Há algumas peças que apresentam cerne cinzento claro-M91 e face exterior da mesma cor.

Peças com paredes espessas e faces alisadas.

Uso vulgar em grandes potes e em dolia.

Cronologia – Séc. I a V.

Grupo 9 – Pasta de aspecto gresoso, cerne amarelo avermelhado-M20, faces grosseiramente alisadas de cor castanho/vermelho claro-N35 e vermelho claro (laranja) -N39.

Cronologia – acompanha em *Tongobriga* enterramentos com cerâmica cinzenta fina Rigoir-séc. V.

Grupo 10 – Pasta porosa que absorve bem a água, com acabamento exterior só com alisamento, o que lhes dá a coloração castanha muito pálida-L75. Cerne, por vezes cinzento claro-M92. Fabrico predominante de potes e jarros.

Cronologia – Finais do séc. III/séc. IV.

Grupo 10A – Fabrico idêntico ao 10 só que recebe pintura.

Cronologia – A mesma do grupo 10.

Grupo 10B – Pasta homogénea rosea-M67, com abundantes fragmentos de cerâmica moída, geralmente com paredes pouco espessas. Acabamento exterior feito por bom alisamento e posterior engobe, dando à peça a coloração castanho claro-M45.

Cronologia – 2ª metade do séc. III/1º quartel do séc. IV.

Grupo 11 – Pastas vermelho-amarelo P57 constituídas por materiais calibrados, paredes que após serem alisadas ficam com coloração castanha, engobe espesso avermelhado-P19 no interior, cobrindo o bordo exterior. Este fabrico é vulgar em pratos.

Cronologia – séc. IV.

Grupo 11A – Pasta rosea-M49, homogénea no cerne e paredes. Acabamento exterior e interior com alisamento que salienta as micas. Após o alisamento foi deitada no interior e bordo uma aguada vermelha -S15/17.

Cronologia – acompanham em *Tongobriga* cerâmica cinzenta fina Rigoir. - Séc. V.

Grupo 12 – Pasta pouco calibradas, de aspecto gresoso, cerne cinzento-N71 ou vermelho-R19 e superfícies castanho escuro/vermelho pálido-R30. Vulgar em

Taça-base de assentamento anelar (54mm), corpo troncocónico invertido (3,8mm) decorado com cinco linhas pintadas horizontais paralelas e círculos pintados no espaço entre a segunda e a terceira e entre esta e a quarta, lábio voltado para o interior decorado com linha pintada horizontal, bordo arredondado/ /pontegudo. Diâmetro da boca-112mm, Alt-50mm, capacidade- 2, 54dl, grupo cerâmico 10A.

Podemos também fazer uma análise da dispersão dos diversos grupos cerâmicos pela região em estudo (Est. III). Salientam-se desde logo duas proveniências: 1- as cerâmicas que obtivemos através de escavação e recolhidas nos alicerces de construção de edifícios em *Tongobriga* e Várzea do Douro; 2- cerâmicas recolhidas em necrópoles dos restantes sítios.

Desde logo observamos que as cerâmicas recolhidas nos alicerces são as de fabricos mais antigos, nomeadamente dos sécs. I e II, a que correspondem os grupos cerâmicos 1, 2 e 5.

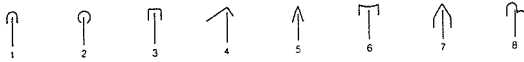
Observados os espólios dos 12 sítios arqueológicos, os fabricos de maior dispersão são o 10, presente em 9 locais, o 3A e o 5B presente em 8 sítios, o 4 e o 6 que nos surgiram em 7 sítios, e o 11A, 5A e 10A, recolhidos respectivamente em 6 e 5 locais.

Para não alongar o texto, a análise comparativa das cronologias dos diferentes sítios arqueológicos pode ser feita pelos interessados através dos quadros de dispersão e cronológico, apresentados em anexo.

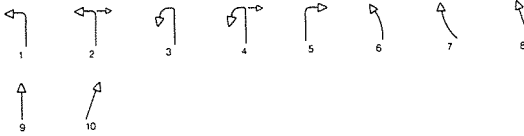
BIBLIOGRAFIA REFERIDA NO TEXTO

- ALARCÃO, A. (1979) A Cerâmica Romana em Portugal - reflexão sobre o seu estudo e publicação, *Revista da Beira*, 38, 3, Viseu.
- ALARCÃO, J. (1974) *Cerâmica Comum local e regional de Conimbriga*, suplemento de *Biblos*, 8, Coimbra.
- BALFET, H., FAUVET-BERTHELOT e MONZON, S (1983) *Pour la Normalisation de la Description des Poteries*, Paris.
- BELTRAN, MIGUEL (1990) *Guia de la Cerámica Romana*, Saragoça.
- DELGADO, MANUELA (1984) Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante-Braga, *Lucerna*, Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão, Porto, 179-96.
- HERAS, M. GARCÍA e OLAETXEA, CARLOS (1992) Métodos y análisis para la caracterización de cerâmicas arqueológicas. Estado actual de la investigación en España, *Archivo Español de Arqueología*, 65, Madrid, 263-289.
- LEENHARDT, M. (1969) *Code pour le Classement et L'Étude des Poteries Médiévales (Nord et Nord-Ouest de L'Europe)*, Caen.
- LITTLE, G. M. (1990) *The Technology of the Pottery Production in Northwestern Portugal during the Iron Age*, *Cadernos de Arqueologia*, Braga.
- MARTINS, M. e DELGADO, M (1989-90) - As Necrópoles de Bracara Augusta: A. Os

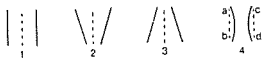
BORDOS



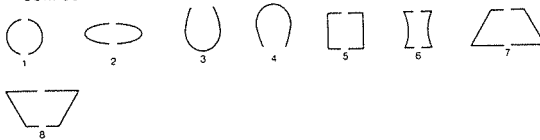
LABIOS



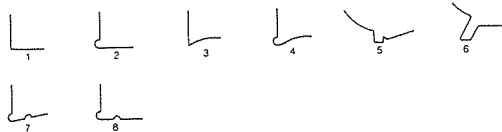
COLOS



CORPOS



BASES



ASAS



MOTIVOS DECORATIVOS

